

No Palácio de Inverno

In the Winter Palace

Autora: Larissa Mikháilovna Reisner
Tradutora: Clara Drummond de Andrade Magalhães
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27
Publicação: Novembro de 2024
Recebido em: 15/09/2024
Aceito em: 30/10/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.229552>

MAGALHÃES, Clara Drummond de Andrade.
No Palácio de Inverno (Larissa Mikháilovna Reisner).
RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 180-188, 2024



No palácio de Inverno

Larissa Mikháilovna Reisner
Tradutora: Clara Drummond de Andrade Magalhães*

**Quem foi Larissa
Mikháilovna Reisner**

Larissa Mikhailovna Reisner (1895–1926) foi uma jornalista, escritora e revolucionária, cuja vida esteve integralmente atrelada, do início ao fim, às grandes questões de sua época. Nascida em Lublin (na então Polônia do Congresso), filha de Ekaterina Aleksándrovna Reisner (nome de nascimento Khitrovó) e de Mikhail Andréievitch Reisner, dois membros engajados do movimento estudantil e do meio socialista de Lublin, e, no caso de Mikhail, também do movimento revolucionário,¹ Larissa esteve desde cedo em contato com

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduanda em Letras Português-Russo. <http://lattes.cnpq.br/7494729192638177>; <https://orcid.org/0009-0004-4215-9172>; claradrummond@letras.ufrj.br

¹ Mikhail Reisner chegou, inclusive, a participar da elaboração da primeira constituição da

os ideais que no futuro a levariam a participar da Revolução (McElvanney, 2018; Porter, 2023). Devido à perseguição constante aos seus pais no Império Russo tsarista, Larissa chegou a viver na Sibéria (em semi-exílio), durante o período de 1898 até 1903, e na Alemanha e na França (enquanto exilada política) até o ano de 1907, quando a família conseguiu retornar à Rússia (Maiorova, 2019; Porter, 2023; Radek, 1977).

Alguns anos após o retorno à Rússia, Larissa Reisner começa a se aproximar do meio artístico e literário petersburguês, fundando as revistas *Bogiéma* e *Rúdin* (ambas fechadas pela censura tsarista), e vindo a integrar, em 1916, a revista *Liétopis*, de Maksim Górkki (Maiorova, 2019; Porter, 2023). McElvanney (2018) afirma que os anos de 1916 e 1917 foram marcados como os seus anos de maior conscientização política, de modo que, após a Revolução de Fevereiro, Reisner abandona a faculdade com a intenção de se dedicar por completo à causa revolucionária, ingressando, assim, no Programa Educacional do Soviete de Petrogrado. Em 1917, Reisner começa a trabalhar também para o jornal *Nóvaia Jizn*, de Górkki, e a se aprofundar em seus estudos sobre a existência de uma “cultura proletária”. Em junho, viaja ao Golfo da Finlândia para pesquisar sobre produções proletárias de teatro, e entre os meses de novembro e setembro publica artigos sobre teatro socialista e atividades culturais acessíveis aos trabalhadores (McElvanney, 2018; Radek, 1977).

No período em que esteve ligada ao *Nóvaia Jizn*, conhece Anatólli Lunatchárski, com quem começa a trabalhar em setembro de 1917. Grande parte de seu trabalho era de teor secretarial, mas veio a participar também de outras iniciativas promovidas por ele (McElvanney, 2018), como a primeira conferência de organizações cultural-educacionais proletárias, ocorrida entre os dias 16 a 19 de outubro, na qual é eleita para integrar o comitê central das organizações culturais-educacionais proletárias de Petrogrado, formado durante a conferência, e do qual também faziam parte o próprio Lunatchárski, Nadiéjda Krúpskaia e Fiódor Kalínin (Fitzpatrick, 1970, p. 90).

A Revolução de Outubro constitui um marco essencial na biografia de Reisner. Não é possível saber qual exatamente foi o seu papel durante o período da Revolução, uma vez que os diversos relatos de contemporâneos variam a esse respeito. Mas todos afirmam a sua prontidão para agir em prol da Revolução e a sua clara demonstração de apoio aos bolcheviques (Chklóvski, 1990; McElvanney, 2018; Porter, 2023). E, de fato, Reisner se filia ao partido em 1918.

Em 11 de novembro de 1917, Reisner publica o seu artigo “No palácio de inverno” (*V zímnem dvortsié*), que veio a ser a sua última reportagem para o jornal *Nóvaia Jizn*. Foi concedido a Reisner, em 8 de novembro de 1917, acesso livre ao Palácio de Inverno (McElvanney, 2018, p. 197), local onde pouco antes se encontrava o Governo Provisório e onde ela elaboraria este artigo. Como uma das poucas pessoas a ter acesso ao local naquele momento em que a Revolução de Outubro ainda era tão recente, o artigo de Reisner constitui um dos primeiros relatos do estado em que se encontrava o palácio pós-revolução, e também um dos primeiros textos de maior peso da autora, que nessa época ainda estava iniciando sua carreira jornalística.

As suas críticas ao Governo Provisório (e a Kerenski, em específico), no artigo, rendem uma série de polêmicas, que fazem com que Górkí tenha que publicar no jornal um pedido de desculpas. Reisner discorda das desculpas em uma nota (também publicada) e opta por se retirar da equipe do jornal (Porter, 2023).

Após sair do *Nóvaia Jizn* e se filiar ao partido bolchevique, Reisner se torna correspondente do *Izviéstia* e parte primeiro para Krosntadt, a serviço do Comissariado da Educação, e depois para a Campanha do Volga,² não mais a serviço do Comissariado, mas como oficial de inteligência. Durante toda a guerra civil, Reisner atua principalmente como jornalista, mas também luta junto à flotilha e se torna, em dezembro de

² Campanha militar executada durante maio e novembro de 1918, que visava impedir os levantes contra-revolucionários do exército branco e a invasão de países estrangeiros ao longo do Volga. Reisner era membro do quinto exército, reconhecido por participar de uma das lutas mais importantes para retomar a região de Kazan (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

1918, Comissária Política da Marinha, sendo a primeira mulher a receber esse título (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Ao longo dos anos, Reisner segue trabalhando para o partido e tem a sua atividade como jornalista cada vez mais reconhecida, não obstante as constantes críticas ao seu “estilo floreado” e a uma certa proximidade com o acmeísmo (Porter, 2023; Sosnovsky, 1977), apontada, inclusive, por Chklóvski em seu texto “A morte mais sem sentido”: “A cultura de pupila dos acmeístas e dos simbolistas deu a Larissa Reisner aptidão para ver as coisas. [...] Isso porque ela era uma dentre os mais cultos. Tão rica foi a maneira que essa jornalista foi formada!”.³ Alguns dos outros jornais para os quais Reisner escreveu foram: *Pravda*, *Petrográdskaia Gaziéta* e *Petrográdskaia Pravda*. Ela veio a falecer em 9 de fevereiro de 1926, por febre tifóide, causando grande comoção.

No palácio de inverno⁴

Larissa Mikháilovna Reisner

À noite o palácio, tocado pela primeira neve de novembro, assim como a serena praça branca, parece imaculado, a guarda se aquece junto das fogueiras atrás dos longos portões, um automóvel respira alto e brilham os seus faróis inquietos próximo às austeras portas de metal. Mal baterá o cadeado e surgirá, por trás dos batentes, uma sombra ligeira, e então novamente, por um longo tempo, uma tranquilidade impassível e orgulhosa.

E por dentro: nenhuma destruição, nenhuma janela quebrada ou quadros arrancados. Nada irá tirar desta construção a passagem harmoniosa por suas galerias, a proporção das suas

³ Chklóvski, 1990, p. 357, tradução nossa.

⁴ A presente tradução é fruto da pesquisa que está sendo realizada no Grupo de Estudos “Mulheres russas do século XIX em textos e contextos” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como uma das atividades do Grupo de Estudos, o cotejo do texto foi realizado com o auxílio da professora doutora Denise Regina de Sales.

Dentre toda a produção de Reisner, optou-se por traduzir o texto “No palácio de inverno” por se tratar de um dos trabalhos iniciais da autora envolvendo a Revolução propriamente dita. Ele marca sua ruptura com o jornal *Nóvaia Jizn* e o início (ainda relativamente imaturo) do que, de 1918 até o dia de sua morte, se tornarão as suas reportagens mais politizadas.

paredes e dos seus tetos, os salões em semicírculo e, acima de tudo, a sua disposição de luz e sombra, admirável e única no mundo.

No limiar de cada cômodo percebem-se, imediatamente, as janelas: altas e inteiras, e cada uma com pesadas dobras de renda ou de lã afastadas para os lados, lembrando um palco, um *palco aberto* e vivo.

Todo o restante – lareira, lustres e mobília – foi elevado e colocado de modo que de qualquer um dos lugares se abrisse ao espectador uma nova perspectiva, o seu próprio pedaço de decoração: do céu pálido, do Nievá, do Prédio da Bolsa e da fortaleza.⁵ No coração do edifício ficam os salões de concertos e de bailes, os quartos de ouro e malaquita. Redondos, cobertos por uma cúpula, concentrados e fechados em si mesmos.

Os espelhos aqui substituem a função das janelas nos aposentos externos, exteriores. Qualquer conexão com o mundo exterior é rompida, a cidade fica infinitamente longe, nenhum dos seus sons de sinos ou de sirenes penetra aqui. Como se estivesse no fundo do mar, uma rotunda perolada repousa em meio ao fantasmagórico reino de escadas, corredores e salões. O conjunto de espelhos que a preenche fragmenta a luz artificial, como as águas sonolentas e salgadas que se estreitaram em direção ao seu próprio fundo.

O lugar onde moraram os *tsares* nos últimos cinquenta anos é muito pesado e desagradável. Algumas aquarelas insossas, retratos mal pintados, só deus sabe como ou por quem, mobília “*modiérn*”⁶ do estilo da moda, é difícil acreditar que tudo isso está em uma moradia construída para semideuses.

Mas que cristaleiras, escritaninhas e chapelarias! Meu deus! O gosto de um corretor da bolsa “por cinco quartos decentes”, com móveis leves e um álbum de fotos dos pais.

⁵ Referindo-se à Fortaleza de Pedro e Paulo (todas as notas deste texto são da tradutora).

⁶ A autora se refere ao movimento artístico que em russo recebeu o nome de *modiérn*, um movimento que ocorreu na virada do século XIX para o XX com a intenção de criar um novo estilo artístico. Na literatura brasileira o movimento é reconhecido como *art nouveau*. O choque da autora provavelmente se dá pelo fato de a mobília pertencente ao estilo *art nouveau* entrar em contraste com o estilo da arquitetura do Palácio, o barroco isabelino (Mascarenhas, 2011)

E que vontade dá de juntar toda essa tralha humana vulgar, enfiá-la na lareira do *tsar* e queimar tudo junto, com um bom e velho candelabro florentino, em nome da beleza e da arte.

Aliás, também são encontradas, na época alexandrina, as manchas do mau gosto. No meio do quarto de vestir de Alexandre II, em uma escada secreta que leva aos aposentos das damas de companhia, há um pequeno quarto pelo qual mais de uma vez já passou alguém escondendo o rosto atrás de véus e capas. Ele é abarrotado de corpos nus. De Vênus, de Diana, de Ceres, musas e pastoras, dançarinas e marquesas reunidas em um sufocante harém. O Hermitage se orgulhará dessa coleção. Ela é ornada por autênticos Watteau, Fragonard e Boucher. Entretanto, no lugar mais visível evidenciam-se dois quadros franceses, grosseiros, rudes e que não valem nada, onde “nus” estão expostos como se fosse em um açougue. Simplesmente uma imundície. E além disso: todas as molduras são duplas, e por trás das deusas puras e majestosas foram escondidos pequenos brinquedos imorais. Tudo isso são os restos de uma antiga barbaridade, e os seus traços são visíveis por toda parte. Mas nos atentemos ao que foi estragado agora, há não muito tempo.

Os primeiros dias de revolução danificaram pouco o palácio. Alguns vidros quebrados, e só. Mas, então, A. F. Kerenski se estabeleceu na casa de Rastrelli.⁷ Os melhores cômodos, os salões mais austeros do museu, ele destinou para a assessoria de imprensa, para a chancelaria, em outras palavras, para escritórios. Estava tudo intacto, mas ficou tudo desgastado, sujo de fumo, pisoteado, aturdido pelas máquinas de escrever e manchado por tinteiros. Nos dez aposentos que davam para a Praça estabeleceu-se uma guarda. Era trocada quase todos os dias (o nosso primeiro ministro não confiava a sua pessoa a ninguém) e cada nova tropa era comandada do seu jeito. Colchões sujos no chão, quadros furados, garrafas e mais garrafas, e isso tudo não estava em um lugar qualquer, mas em torno desse “indivíduo”, diante dos seus olhos e com o seu conhecimento.

⁷ Bartolomeo Francesco Rastrelli (1700–1771), arquiteto italiano que trabalhou a serviço do império russo, responsável por redesenhar o Palácio de Inverno e por diversas outras construções.

O que diz respeito à vida particular de Kerenski no palácio, ou aos inúmeros indícios de falta de tato em relação à propriedade Románov, não será falado por nós aqui. Que deus o tenha. Tudo isso cheira mal. Porém há aí uma ninharia, uma pequenez, mas que é tão característica. Nicolau II tinha uma mesa de bilhar própria. Na partida para Tobolsk, as bolas de marfim foram arrumadas e preparadas para despacho como bens pessoais. O ministro ordenou que voltassem com elas e, como falam os guardas, “queria se divertir pessoalmente”.

E assim foi. A começar pelo quarto de vestir e terminando com a biblioteca. Nós gostaríamos de saber para que, afinal, foi necessário se instalar no Palácio de Inverno? Para que foi necessário comer e dormir como um *tsar*, pisotear a elegância, o luxo e a riqueza das quais apenas o povo tem o direito de dispor, as quais pertencem ao futuro, como o museu de Alexandre III, como o Hermitage, como a galeria Tretyakóvski. Mas será que o ministro não sabia que a luta política podia, a cada instante, derrubá-lo tanto do seu cargo quanto da cadeira de Nicolau II, que ele expunha a grande perigo os tesouros da arte em meio aos quais se atreveu a viver? E assim foi. A multidão foi buscar Kerenski e em seu caminho encontrou as porcelanas, o bronze, os quadros e as estátuas, e destruiu tudo isso. Se uma lebre, ao correr dos caçadores, entra em uma loja de cristais, ela também leva consigo os cães de caça, que entram seguindo seu rastro e quebram tudo. Não há nada de surpreendente nisso. O escritório de Alexandre II, a capela etc. foram transformados em um monte de estilhaços; uniformes, documentos, gavetas, almofadas, pinturas a pastel, tudo definitivamente em pedaços. Por algum milagre sobreviveu, em baixo do vidro, uma árvore genealógica com retratos em miniatura no fim das divisões de seus ramos. É estranho vê-la embaixo da destruição generalizada. Ela se ergue tão sem brilho, tão fraca.

À primeira vista, é muito estranha a atitude dos criados da corte, das guardas e da administração frente a tudo o que aconteceu. Nenhum deles abandonou o palácio no momento em que se abriu fogo. Muito de valioso foi conservado apenas graças à coragem e honestidade dessas pessoas. Elas se

referiam ao novo chefe com muita tolerância, e embora os comissários bolcheviques, com suas armas, botas e modos, parecessem vindos de outro mundo, elas lhes confiaram o palácio, valorizaram-nos pela sua honestidade incondicional e pela completa ausência de pretensões individuais, com as quais o “intrometido” tanto ofendia e humilhava os criados, acostumados ao verdadeiro bastão senhorial. “Queria muito se perfumar, mas não tinha um cheiro próprio”. Essas são, em suma, as percepções trazidas pelos servos sobre A. F. Kerenski.

Mas já não é mais aquele “indivíduo” que atrai a mais perigosa atenção da ralé ao Palácio de Inverno, e sim, dessa vez, as enormes adegas de vinho. Elas foram preenchidas com lenha e seladas, a princípio, com uma camada de tijolos, e depois com uma segunda camada, tudo em vão. Toda noite abrem um buraco em algum lugar e sugam, absorvem e lambem o que é possível. Alguma voluptuosidade raivosa, desnuda e descarada atrai levas de multidões à parede proibida. Atiram contra eles, matam-nos como se fossem cachorros, os rumores os desgraçam, mas eles apenas se encolhem e, como animais, se apoiam nas mãos e nos joelhos e rastejam, rastejam e rastejam... Os operários e os marinheiros prometeram demolir todo o edifício, caso não haja a redução dessa sórdida “ida e vinda”. A morte é muito melhor do que a representação de uma gluttonia insaciável e doentia cometida nos dias da grandiosa Revolução Russa. Com lágrimas nos olhos, o sargento Krivorutchiénko, a quem confiaram a defesa dos infelizes barris, me contou sobre aquele desespero, sobre aquela impotência completa que ele sentiu durante as noites ao se proteger sozinho, sóbrio, com seus poucos guardas, da obstinada e difusa luxúria da multidão. Agora decidiram assim: em cada novo buraco será colocada uma metralhadora.

Referências bibliográficas

СНKLÓVSKI, V. B. Бессмысленнейшая Смерть [A morte mais sem sentido]. In: СНKLÓVSKI, V. B. Гамбургский счет: Статьи – воспоминания – эссе (1914 – 1933). Moscou: Soviétski píssátel, 1990. p. 356–358.

FITZPATRICK, S. *The Commissariat of Enlightenment: soviet organization of education and the arts under Lunacharsky october 1917–1921*. Londres: Cambridge University Press, 1970

МАИОРОВА, Е. В огне революции: Мария Спиридонова, Лариса Рейснер [No fogo da revolução: Maria Spiridónova, Larissa Reisner]. São Petersburgo: Alietieia, 2019.

MASCARENHAS, A. F. Aspectos da Arquitetura Russa em São Petersburgo no Século XVIII. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, [S. l.]*, v. 11, n. 2, p. 27, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cp-gau/article/view/6070>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MCELVANNEY, K. *Women Journalists in the Russian Revolutions and Civil Wars: Case Studies of Ariadna Tyrkova-Williams and Larisa Reisner, 1917–1926*. Tese (Doutorado) - Universidade Queen Mary of London, 2018. Disponível em: <<https://qmro.qmul.ac.uk/xmlui/handle/123456789/58450>> . Acesso: 28/09/2023

PORTER, C. *Larisa Reisner. A Biography*. Londres: Brill, 2023.

RADEK, K. Larissa Reissner. In: REISSNER, L. *Hamburg at the Barricades: and other writings on Weimar Germany*. Tradução: Richard Chappell. Londres: Pluto Press, 1977. p. 185–198.

REISNER, L. В ЗИМНЕМ ДВОРЦЕ [No palácio de inverno]. In: Избранное. Moscou: Khudojiéstviennaia literatura, 1965. p. 425–428.

SOSNOVSKY, L. In Memory of Larissa Reissner. In: REISSNER, L. *Hamburg at the Barricades: and other writings on Weimar Germany*. Tradução: Richard Chappell. Londres: Pluto Press, 1977. p. 204–209.